

ÉTICA, PAZ E COMPROMISSO NUMA CULTURA EM MUTAÇÃO

*Frei Nilo Agostini, O. F. M.**
Universidade São Francisco
nilo.agostini@usf.edu.br

RESUMEN: El presente texto, titulado “Ética, paz y compromiso en una cultura en mutación”, es fruto de una investigación bibliográfica. El abordaje del tema está fundamentado en referencias teóricas publicadas sobre todo en libros y artículos como en documentos eclesiales seleccionados. La estructura presenta tres partes. Iniciamos por el estudio de la cultura y el actual contexto de transformaciones, teniendo presente su centralidad para un universo humanizado, así como identificando los desafíos en el actual contexto de cambios. Enseguida, analizamos la postura de la Iglesia Católica ante los cambios que están ocurriendo, teniendo como centro el diálogo y el interés de comprender las repercusiones de ese fenómeno en la vida de nuestros pueblos y cómo esto afecta el sentido religioso y ético. Finalmente, enfatizamos el cultivo de una cultura de ética, paz y compromiso, a la vez que se identifican las oportunidades en medio de este tiempo de cambios, activándose la ética para el cuidado de la vida, la paz como el camino en cuanto modo propio de ser y el compromiso como reconocimiento del otro en el reparto del mundo. Concluimos afirmando que una cultura de

* **Frei Nilo Agostini** es fraile franciscano (O.F.M.), doctor en Teología por la Universidad de Ciencias Humanas de Strasbourg (Francia). Es docente en Curso de Posgrado *Stricto Sensu* en Educación en la Universidade São Francisco, campus de Itatiba, Estado de São Paulo, Brasil.

ética y de compromiso es la mejor respuesta para una sociedad de paz en América Latina y en el mundo, donde se cultiven valores como justicia, solidaridad y fraternidad, en una cultura del encuentro.

PALABRAS CLAVE: Cultura, ética, paz, compromiso, Iglesia Católica.

ETHICS, PEACE AND COMMITMENT IN A CHANGING CULTURE

ABSTRACT: The present text, entitled "Ethics, peace and commitment in a changing culture", is the result of a bibliographical investigation. The approach of the theme is based on theoretical references published mainly in books and articles, as well as in selected ecclesial documents. The structure comprises three parts. We begin with the study of culture and the current context of transformations, taking into account its centrality vis-à-vis a humanized universe, as well as identifying the challenges within the current context of change. We then analyze the attitude of the Catholic Church in the face of changes taking place, centered on dialogue and interest in understanding the repercussions of this phenomenon in the life of our peoples and how it affects the religious and ethical sense. Finally, we emphasize the cultivation of a culture of ethics, peace and commitment, as opportunities are identified in the midst of this time of change, with ethics being applied for the care of life, peace as a path per se and commitment as recognition of the other person in the sharing of the world. We conclude by stating that a culture of ethics and commitment is the best response to a society of peace in Latin America and the

world, where values such as justice, solidarity and fraternity are cultivated in a culture of encounter.

KEYWORDS: Culture, ethics, peace, commitment, Catholic Church.

1. Introdução

O presente texto é resultado de uma investigação sobre a centralidade da cultura e a possibilidade da criação de um universo humanizado. Para que a vida humana encontre a morada para desenvolver-se integralmente, identificamos no tecido cultural alguns elementos que lhe são centrais, tais como a ética, a paz e o compromisso. Há uma relação intrínseca entre eles no tecer deste abrigo que se confunde com o próprio ser humano. A Vida requer a paz como o caminho para perfazer-se passo após passo, requer igualmente uma cultura permeada pela ética e sustentada pelo compromisso. Somente assim, a sociedade encontrará a estabilidade necessária para o caminho a trilhar em meio às atuais transformações culturais que tendem a fragilizar ou a liquefazer os marcos referenciais, os valores e os sentidos.

Nos perguntamos, em seguida, pela postura da Igreja Católica frente ao que ela chamou de "mudança de época" no Documento de Aparecida, emanado da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho. Na verdade, o posicionamento da Igreja já vinha sendo sedimentado desde

o Concílio Vaticano II, enquanto preparação próxima para a passagem bimilenar, como muito bem afirmou o Santo Papa João Paulo II (*Tertio millennio adveniente* [TMA], 18, 20, 21), e enquanto aponta para o necessário diálogo no empenho de conhecer, servir e evangelizar a sociedade de nosso tempo. Neste diálogo, sondamos o modo de proceder da Igreja enquanto parte da fé e responde aos desafios em termos propositivos.

Em resposta aos desafios de nosso tempo e à percepção que nasce da fé, nos sentimos convidados a traçar as linhas de uma cultura de ética, paz e compromisso. Não o fazemos de maneira acuada, nem nos sentindo ameaçados. Nossa percepção nos leva a auscultar este tempo como revelador de oportunidades, no coração do qual temos muito a oferecer e muito a aprender. Acionada a ética, como intrínseca ao ser humano, vemo-la ocupando um lugar central, tendo o cuidado da vida como seu quadro óbvio. A paz, por sua vez, apresenta-se como o caminho para o desabrochar da vida em todas as suas dimensões e expressões; ela é a *forma vitae* a modo de Francisco e Clara, os santos de Assis, é o modo próprio de habitar o mundo enquanto fraternidade universal.

2. A cultura e o Atual Contexto de Transformações

A cultura perpassa o nosso modo de habitar o mundo, dando-lhe sustentação, conferindo-lhe sentidos, acumulando riquezas, estabelecendo horizontes de futuro. Coliga-se à ética para, evitando a barbárie, estabelecer as bases do agir humano. Na passagem da modernidade à pós-modernidade, ela se

encontra numa profunda mutação, fenômeno que exige atenção ao ser decifrado.

2.1 A cultura como criação de um universo humanizado

O nosso ser e estar no mundo tem uma dimensão cultural ou por ela é perpassado. A existência humana, em todas as suas dimensões, é tecida culturalmente. As ações sociais, as práticas política e econômica e a própria religião são atravessadas pela cultura. As ações cotidianas, os sentidos conferidos à vida e a própria religiosidade têm na cultura e em suas diversas manifestações o tecido que sustenta cada ser humano, as famílias, as comunidades, os povos ou mesmo as civilizações, dando-lhes olhos para enxergar o mundo, bússola para nele orientar-se e um coração para sentir a vida e conferir-lhe sentido. Pela cultura, expressamos significados, bem como nela elaboramos os significantes, tecidos a partir do *ethos*, fonte borbulhante, onde são forjadas ou tecidas as evidências primitivas, a identidade primeira, as raízes da existência humana. Identificamos uma "centralidade da cultura" (Godoy & Santos, 2014, p. 16), indicando "a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo" (Hall, 1997, p. 5).

Coextensiva à cultura, encontra-se a ética, tão fundamental para o ser e o agir humanos. "Sem as exigências éticas que estão na base do agir humano, a cultura, qualquer que seja a época em que ela se manifeste no desenrolar da história, naufraga sempre no mar da violência, ou perde-se na noite do barbarismo" (Rocha, 2017, p. 116). Não há ciência, nem técnica que por si só

garanta o bem-estar da humanidade sem fundar-se na ética. "Sem a dimensão ética, nenhuma cultura humana subsiste", afirma Rocha (2017, p. 116), para enfatizar que a razão técnica e instrumental, fortemente comandada pelo consumo e pelo lucro, está "nos condenando ao mais impiedoso individualismo, alheio às necessidades dos outros, principalmente dos mais carentes e infelizes", comprometendo o caminho da paz, distante de qualquer compromisso.

Uma cultura de paz, por sua vez, responde a um anseio que acompanha desde sempre a humanidade. Esta faz a experiência da conflitividade nas mais diversas formas: guerras, atentados, armamentos, tensões, divisões etc. Esta é fruto do enfrentamento entre pessoas, grupos, categorias, nações, grupos de nações (blocos). Dissemina-se no antagonismo que assume várias formas de violência, terrorismo, guerra. Por motivos os mais diversos (poder, riqueza, etnia...), difunde-se a luta, a desagregação, a opressão, a confusão. Em meio a este contexto desolador, o valor da paz ressurge com toda força. É uma aspiração de toda pessoa de boa vontade. Tem reconhecimento universal como "um dos valores mais elevados a ser procurados e defendidos" (João Paulo II, 1993, 1). Ela é o caminho, em cujo itinerário a vida pode desenvolver-se integralmente.

Para que a paz prevaleça e se estabeleça, é preciso uma *práxis*, enquanto elo entre reflexão e ação, vivenciada na responsabilidade social, esta ancorada no compromisso e na honestidade. Requer-se posturas responsáveis, alimentadas pela ética, que cultivem a probidade, a decência, a idoneidade e o respeito pelo outro. Para além de meros "sofismas éticos", buscase hoje cada vez mais posturas que sejam moralmente inatacáveis,

porque embasadas por prévia reflexão ética e promotoras de ações socialmente responsáveis e ecologicamente limpas. Para isso, uma cultura de compromisso é tarefa urgente em nossos dias, para além dos meros discursos, capaz de cultivar no ser humano o "mistério da moralidade" (Bauman, 1997, p. 45) que o habita, a sua "intimidade moral", num "interesse na moralidade" (Strawson, 1974, p. 35), não fugindo dos compromissos inerentes.

Como vimos, a cultura ocupa um lugar importante no discurso social. Ela contém, nesta percepção, um dinamismo que dá suporte "a toda forma de vida social, econômica, política, internacional" (Carrier, 1987, p. 18), indispensável para a representação social, para a compreensão dos dinamismos vitais. Para Carrier (1987, p. 18), "a própria Igreja utiliza a linguagem da análise cultural para diagnosticar as realidades sociais e para traduzir, na linguagem das culturas de hoje, a mensagem evangélica da fraternidade, da caridade, da justiça" e acrescenta:

A cultura é o universo humanizado que, consciente ou inconscientemente, cria para si uma coletividade: é a representação própria do passado e seu projeto de futuro, suas instituições e suas criações típicas, seus hábitos e suas crenças, suas atitudes e seus comportamentos característicos, sua maneira original de comunicar, de trabalhar, de celebrar, de criar técnicas e obras reveladoras de sua alma e de seus valores últimos. (Carrier, 1987, pp. 19-20)

A cultura garante a mentalidade típica de todo indivíduo numa coletividade. Existe aí um sentido de pertença e de identificação. Toda comunidade possui uma cultura própria em

diferentes níveis seja de nação, região ou tribo, seja de categorias sociais definidas, por exemplo jovens, trabalhadores etc. "A cultura designa sua maneira característica de se comportar, de pensar, de julgar, de se perceber e perceber os outros: cada grupo tem suas atitudes e suas escalas de valores" (Carrier, 1987, p. 20).

2.2 Os desafios da transição da modernidade para a pós-modernidade

Estamos vivendo um momento na América Latina, bem como no mundo, em que se instala ou se instalou um novo contexto sociocultural. Marcado pela diversidade, sob o influxo de uma globalização crescente, estamos vivendo um processo vivo e dinâmico que interfere nos nossos modelos de vida, nos padrões de comportamento, nas linguagens, levando a cultura a estar em permanente transformação.

Se a modernidade fez-se presente tardiamente entre nós latino-americanos, enquanto processo no qual acedeu a nossa população, eis que já se anunciou uma nova época, a pós-modernidade, processo este iniciado em meados do século XX. Esta transição é diferentemente nomeada. Se, para alguns, já estamos na pós-modernidade, afirmando que "somos pós-modernos" (Arduini, 2002, p. 13), para outros, este processo cultural vem nomeado como "modernidade tardia" ou ainda "hipermodernidade" (Lipovetsky, 2004). Estamos no meio de uma profunda transformação que necessita ser compreendida melhor, decifrada detalhadamente, inclusive em suas ambivalências.

A sociedade com traços culturais uniformes, unânimes e heterônoma, que marcou nosso universo pré-moderno, tende a ficar definitivamente para trás. A modernidade, por sua vez,

com sua fé no progresso, calcada na razão moderna, impregnou nossas vidas por meio de quatro revoluções: a revolução científica, a política, a cultural e a técnica. O projeto moderno, instrumentalizando a razão para a produção e o consumo, nos fez mergulhar no ritmo acelerado das invenções, na mudança da escala de valores; gerou incerteza e perda de referenciais; provocou um desencanto. O ritmo da máquina moderna, acelerado pelas tecnologias, mesmo que sofisticadas, não preencheu o mundo da vida. Cultivaram-se visões fragmentadas da realidade, dissecada e fracionada por distintos saberes, que tendem a tratá-la de maneira unidimensional, reduzida a um de seus aspectos e, por isso, facilmente banalizada, incluído o ser humano. Diante deste reducionismo empobrecedor, não demorou a se manifestar uma reação existencial diante "do fracasso da pretensão reducionista da razão moderna, que leva o homem a questionar tanto alguns êxitos da modernidade como a confiança no progresso indefinido", conforme atestou a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano de Santo Domingo (n. 252).

Estamos em meio a uma mutação. Mesclam-se valores, afirma-se a identidade individual, com traços cada vez mais individualistas; a nova tessitura cultural contém lógicas duais, cheia de antagonismos, "descentrada e heteróclita, materialista e psi, pornô e discreta, inovadora e retro, consumista e ecologista, sofisticada e espontânea, espetacular e criativa" (Lipovetsky, 1983, pp. 12-13). Cresce o individualismo com traços narcisistas. Tende-se a escolhas sem referenciais. As grandes instituições já não contam. Mergulhamos numa crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais.

A crise se aprofunda e atinge as raízes onde a vida humana se assenta, ou seja, o próprio ethos. Alteram-se no mais profundo do humano a percepção, a capacidade de avaliação e a possibilidade de ação. O ethos já não nos dá mais um conjunto de evidências primitivas, o que garantiria um consenso a partir de um processo de acumulação, de elementos hereditários, bem como da tradição e da educação. Não estamos mais alicerçados nesta unidade primitiva, de raiz; os comportamentos não são mais um consenso; imperativos diferentes e até contraditórios revelam o caráter arbitrário e duvidoso do consentimento. Cai-se na fragmentação da razão, na proliferação das esferas de valor, num desencantamento do mundo e sua dessacralização. (Agostini, 2008a, p. 115)

Em meio a um contexto de fortes contradições, vemos desenhar-se um cenário no qual o indivíduo é vulnerável e com dificuldade de auto-identificar-se. Instável, sente dificuldade de estabelecer relações e engajamentos duradouros. O consumismo é-lhe um atrativo, não raro para preencher vazios existenciais, numa atitude mimética ante a publicidade, ficando à mercê das “ondas” e dos modismos, rendendo-se à força dos meios de comunicação de massa. Este indivíduo revela-se extremamente frágil, justamente num cenário em que se multiplicam as possibilidades de escolhas.

Liquefazem-se os marcos referenciais, minando os sentidos, os valores que a própria modernidade lhes tinha fornecido. Ainda mais as balizas disciplinares e institucionais são descartadas, jogando-o de vez em sua

própria subjetividade, na esfera privada, num verdadeiro culto ao individualismo de cunho narcisista. Aliam-se, então, o individualismo, o consumismo e o narcisismo, formando uma teia que prende o humano e que está revelando a sua força desumanizadora. (Valadier citado em Agostini, 2008a, p. 121)

Numa nova configuração do ser humano, vemo-lo atraído pelo desejo do consumo, no qual o ter e o prazer comandam a vida, instaurando-se uma economia do desejo. Porém, não se trata mais de satisfazer as necessidades básicas, como numa economia de subsistência. Na economia do desejo, o ser humano é arrastado pela insaciabilidade das necessidades, sem balizas, sem limites, sem restrições, sem autocontrole. Importa ter coisas ou dinheiro para satisfazer os desejos, sob a falsa impressão de qualidade de vida, de segurança e de realização humana. Constrói-se um hedonismo materialista, com uma demanda de prazer que parece não ter fim. A promessa de satisfação nunca se realiza. Na verdade, estimula-se o desejo, desperta-se a sede indefinida. Importaria ter mais coisas e mais gozo. Mardones (1988) afirmou que, nesta sociedade consumista, importa "ter, possuir, desfrutar, ganhar, alcançar sucesso, deslumbrar os que estão em volta" (p. 196).

Constrói-se uma visão coisificada do mundo. Vem-se coisas. Importa desfrutar delas. Isto influi na relação com as pessoas que passam a ser captadas no mesmo registro, ou seja, contam pelas posses ou pelo prazer que têm ou podem oferecer. Importa usufruir. Como as pessoas não conseguem se sentir realizadas, a angústia e a irritação se instalam. Lipovetsky (1983) entendeu

este narcisismo, impulsionado pelo consumismo, como uma manifestação "miniaturizada do processo de personificação" (p. 13). Isto repercute no social.

A convivência social segue a lógica das miniaturas; criam-se grupos afins, tribos afins, circuitos e redes de grupos, minigrupos. O desejo é se encontrar com aqueles que sejam parecidos e tenham as mesmas preocupações imediatas. Não há o encontro com o diferente que desafia o ser humano a sair de si, de ir além, de crescer superando-se. (Agostini, 2008a, p. 123)

O foco é si mesmo, numa "dessubstancialização pós-moderna", numa "lógica do vazio" (Lipovetsky, 1983, p. 15), nas quais tudo se liquefaz com a mesma rapidez das mesmices que se tecem e se desfazem. Neste processo de miniaturização, a tendência é "deter-se se na fruição, diretamente vinculada ao subjetivismo, sem critérios fixos... Importa viver o momento, usufruir aqui e agora o que a vida oferece, deter-se no atrativo do belo. Vive-se do imediato, num espaço determinado, porém sem horizonte e sem referência histórica" (Agostini, 2008b, p. 76). Liquefazem-se os marcos referenciais, minam-se os sentidos, desfazem-se os valores.

3. A Postura da Igreja Católica

O ser humano, envolto pelas transformações de nosso tempo, tem merecido a atenção preferencial da Igreja. Ele "é o primeiro caminho que ela deve percorrer na realização de sua missão" (*Centesimus annus* [CA], 53). A Igreja busca conhecer as

situações em que se encontra o ser humano e se coloca em atitude de diálogo, como servidora da humanidade. Ela nos convida a levar a Boa Nova de Jesus Cristo com uma linguagem adaptada, compreensível e em termos propositivos.

3.1 O necessário diálogo no empenho de conhecer, servir e evangelizar

Entramos para o terceiro milênio, sendo lembrados pelo Papa João Paulo II (TMA, 18, 20, 21) de que o Concílio Vaticano II fora "a melhor preparação para a passagem bimilenar", pelo seu "novo tom", modo "diverso", por constituir-se numa "nova época" na vida da Igreja, "um acontecimento providencial", uma verdadeira preparação próxima para o Jubileu do segundo milênio".

O Concílio Vaticano II, segundo as palavras do Papa Paulo VI (1966, p. 496), teve "um profundo interesse pelo estudo do mundo moderno", buscando aproximar-se da sociedade, para compreendê-la e acolhê-la, para servi-la e evangelizá-la "na sua rápida e contínua transformação". Ao ocupar-se também do "homem atual qual hoje ele se apresenta na realidade", o Concílio assumiu a seguinte postura ante o humanismo laico e profano:

Em vez de diagnósticos deprimentes, remédios encorajadores; em vez de presságios funestos, partiram do Concílio mensagens de confiança para o mundo contemporâneo: os seus valores foram não somente respeitados, mas honrados, os seus esforços apoiados, as suas aspirações purificadas e abençoadas... Toda a riqueza

doutrinal se dirige numa direção única: servir o homem.
(Paulo VI, 1966, pp. 497-498)

Para o teólogo francês Charles Wackenheim (1980), “a obra do Vaticano II se apresenta como a carta do diálogo que os católicos são chamados a conduzir em nosso tempo, tanto dentro da Igreja, como com o ‘mundo’” (pp. 14-15). Na encíclica *Ecclesiam Suam* (ES), publicada durante o Concílio, o Papa Paulo VI consagrou a terceira parte ao diálogo da Igreja, destacando-o como uma força motriz de primeira ordem. Ele afirmava: “A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio” (ES, 67).

O *aggiornamento* da Igreja fez do diálogo o eixo básico de sua relação com o mundo, tendo como propósito não cair em condenações. Faus (1989, pp. 73-79) explicou que o Concílio preferiu o “remédio da misericórdia” ao da “severidade”; “passou do bastão à misericórdia”. João Paulo II (1997, 3) destaca o forte apelo à misericórdia, enunciando-a como uma “das componentes essenciais do *ethos* do Evangelho”.

A Igreja sente a necessidade de “entrar em diálogo com o mundo em que vive” (ES, 67), fazendo-se palavra, mensagem, colóquio, colocando-se no seu seio como um dom de Deus e a seu serviço. Sente-se chamada “a responder com adequação às grandes questões de nosso tempo, num auxílio generoso ao ser humano que tem sede de realização e está em busca da verdade” (Agostini, 2013b, p. 189). Ela o faz sempre “atenta ao evoluir das situações” para “responder adequadamente aos novos problemas e ao novo modo de os impostar” (Congregação para a Educação Católica, 1989, n. 11).

Segundo a Doutrina Social da Igreja, "o homem é o primeiro caminho que ela deve percorrer na realização de sua missão... Não se trata do homem 'abstrato', mas do homem real, 'concreto', 'histórico' (...)" (CA, 53). Está consciente de que, reunida em Jesus Cristo e no seu seguimento, "não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração" (Concílio Vaticano II, 1962, [GS], n. 1). Por isso, a Igreja Católica expressa a consciência de que "para cumprir a sua missão, deve esforçar-se por conhecer as situações (...)" em que se encontra o ser humano hoje; "este conhecimento é, portanto, uma exigência imprescindível para a obra de evangelização" (*Evangelii nuntiandi* [EN], 4).

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (EG), apontou o caminho do diálogo como necessário para a evangelização para buscar o pleno desenvolvimento do ser humano e o bem comum, destacando três campos de diálogo: "o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências - e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica" (EG, 238). E ao enfatizar que a Igreja proclama o "Evangelho da paz" (Ef 6,15), o Papa Francisco afirmou:

É hora de saber como projetar (a paz), numa cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca do consenso e de acordos, mas sem separá-la da preocupação de uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões. (EG, 239)

3.2 Uma época de desafios e o sentir da Igreja

Mesmo que a incidência do fenômeno seja diversa de uma cultura para outra, estamos num movimento de transição profunda, numa "mudança de época", segundo a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Documento de Aparecida, Brasil) que constatou: "Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural" (44), mostrando uma preocupação pois "dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus" (44).

Algumas expressões do Documento de Aparecida são recorrentes, por exemplo quando afirma que estamos em meio a "grandes mudanças" (20, 33), com suas "novidades" (34), com suas "mudanças culturais" (49), sendo "as novas gerações as mais afetadas" (51), bem como os "povos indígenas e afros" (90). Verifica-se, com preocupação, a difusão de um "reducionismo antropológico" com suas consequências na educação e na vida das pessoas, das famílias e das comunidades; constata uma desorientação "frente a essa mudança cultural" (480) e "uma revolução tecnológica e dos processos de globalização que formatam o mundo atual como grande cultura mediática", com novas linguagens que se constituem "um elemento articulador das mudanças na sociedade" (484). Essas mudanças vêm marcadas pelo "fenômeno da globalização", sendo neste "um fator determinante a ciência e a tecnologia", com repercussões tanto na área da genética como das comunicações, acelerando a história e o próprio ritmo das mudanças (34).

Os bispos, reunidos em Aparecida, identificaram ainda que "essa nova escala mundial do fenômeno humano traz

consequências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente, a religião" (35). Expressam, igualmente, o interesse de "saber como esse fenômeno afeta a vida de nossos povos e o sentido religioso e ético de nossos irmãos" (35).

A Igreja sente, pensa e age consciente de fazer parte deste tempo de grandes transformações. No entanto, sua perspectiva é a da fé. Citando Bento XVI, na *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco (2013) esclarece que "a Igreja fala a partir da luz que a fé lhe dá" (EG, 238). Nesta perspectiva, coloca-se na escuta atenta dos "sinais dos tempos", ou seja, aberta às interpelações de Deus neste tempo, no qual entrevê a graça do Senhor, um veemente "kairós". "Os pedidos e os apelos do Espírito ressoam também nos acontecimentos da história", afirmava o Santo Papa João Paulo II (1982a, 4). No *Instrumentum laboris* para o Congresso Mundial "Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova" de 2015, realizado no Vaticano, faz-se a seguinte leitura das últimas décadas:

Desde o tempo do Concílio, o contexto histórico-social mudou muito no plano da visão do mundo, mas também em termos de conceitos ético-políticos. A década de 1960 foi um período de espera confiante, graças à convocação do Concílio, mas graças também a uma maior distensão na relação entre os Estados. O cenário mudou profundamente em relação ao passado. Evidenciou-se um forte impulso à secularização. O processo de globalização cada vez mais acentuado, ao invés de favorecer a promoção do

desenvolvimento das pessoas e uma maior integração entre os povos, parece limitar a liberdade dos indivíduos e afunilar os contrastes entre os vários modos de conceber a vida pessoal e coletiva (com posições oscilantes entre o mais rígido fundamentalismo e o mais céptico relativismo). (Congregação para a Educação Católica, 2014, p. 5)

Diante de tantos desafios, podemos reagir de múltiplas formas. O Papa Francisco apresenta duas posturas contrastantes. Uma é aquela de nos "entrincheirarmos em nosso pequeno mundo", numa posição de defesa ou até de combate, fechados em nossas fortificações. Outra postura é aquela que assume a tarefa "uma grande reflexão crítica e um empenho de relançar a identidade, em termos propositivos e novos" (Francisco citado em Scuola di Alta Formazione Educare all'Incontro e alla Solidarietà, 201, p. 7).

Inseridos nas realidades de nosso tempo, não negamos os valores da modernidade, nem os anseios da pós-modernidade; nós também participamos de suas conquistas científicas, democráticas e sociais, bem como de seus sonhos e desejo de realização. Porém, estamos conscientes de que estas conquistas se encontram num quadro ainda incompleto. Propomo-nos, como cristãos, oferecer de nossa riqueza para que as pessoas, as famílias, as comunidades e as sociedades possam se desenvolver mais integralmente, conscientes de que somos um dom de Deus à serviço da humanidade. (Agostini, 2016, p. 162)

O Santo Papa João Paulo II (1991b), na encíclica *Redemptoris Missio* (RM), reconhece que, em meio às numerosas transformações de nosso tempo, "reproduz-se a situação do areópago de Atenas" (RM, 57), convocando-nos a anunciar, como São Paulo, o Evangelho aos novos areópagos, "usando uma linguagem adaptada e compreensiva àquele ambiente" (RM, 37). Hoje, multiplicam-se os meios de comunicação com novas linguagens e tecnologias, aumentam os campos da atividade humana, diversificam-se os ambientes de expressão do humano, surgem projetos alternativos. Além disso, fragmenta-se o universo unitário do passado e criam-se bolsões de populações descristianizadas. A Igreja deixa de ser onipresente, bem como ela não é mais detentora dos universos simbólicos e significações globais da realidade.

É o momento de abrir-nos "às sugestões interiores do Espírito", pois Ele "sabe dar as respostas apropriadas mesmo às questões mais difíceis" (*Vita consecrata* [VC], 73). Isto requer de nossa parte uma vigilância constante e uma esperança sem limites, bem como uma escuta atenta de seus apelos nos sempre novos sinais dos tempos.

Ele (o Espírito) chama... a elaborar novas respostas para os problemas novos do mundo atual. São solicitações divinas, que só almas habituadas a procurar em tudo a vontade de Deus conseguem captar fielmente e, depois, traduzi-las corajosamente em opções coerentes seja com a inspiração primeira, seja com as exigências da situação histórica concreta. (VC, 73)

Num tempo como este, em que o novo irrompe por todos os lados, não deixamos de nos surpreender ante a presença de Deus em muitos lugares, enfim no coração da história. Igualmente, “de forma realista e crítica, não deixaremos de desmascarar os ‘falsos deuses’ idolatrados em nossa época... Não deixaremos de dar a devida atenção ao fenômeno da ‘volta ao religioso’ que, em nossos dias, está muito ligado à busca de ‘espaços de experiências’” (Agostini, 2016, p. 32). Não vamos desconhecer que há uma busca por experiências religioso-espirituais com fortes traços afetivos, num fenômeno calcado na subjetividade.

4. Por uma Cultura de Ética, Paz e Compromisso

Este tempo que nos é dado viver contém muitas oportunidades. Sem desconhecer os desafios, é preciso decifrá-lo em suas potencialidades. Aciona-se a ética para o cuidado da vida, a paz como o caminho de um modo próprio de ser ou *forma vitae* e o compromisso como reconhecimento do outro na partilha do mundo.

4.1 Uma época de oportunidades

Esta época é cheia de oportunidades. Mesmo que ela nos desafie por todos os lados, não podemos bater em retirada. Há uma riqueza que brota de nossas raízes cristãs que precisa ser partilhada, colocando-nos a serviço da humanidade. Importa oferecer de nossa riqueza às pessoas, às famílias, às comunidades e à sociedade para que possam desenvolver-se mais integralmente. Vamos nos mobilizar a partir de nossa

identidade cristã num empenho comum. Temos igualmente muito a aprender. Cabe-nos ter fôlego, coragem e esperança para nos deixar surpreender pela presença de Deus que, no seu Espírito, nos chama "a elaborar novas respostas para os problemas novos do mundo atual" (VC, 73).

Visto o que falamos acima, em termos de percepção deste tempo e da importância do diálogo, assinalo para uma postura indispensável que pudemos apresentar num Seminário em Roma:

É hora de saber reconhecer o que é bom, de encorajar o que constrói a vida, aliando novas tecnologias, disposição de dialogar e de escutar, com o componente experiencial, superando o estritamente teórico. Hoje, quer-se provar, saborear mais do que teorizar e acumular saberes. Em meio a isso, surge o desafio de promover uma cultura que de novo dê sentido à vida e à história, buscando a humanização, sem perder o dinamismo e a criatividade. (Agostini, 2013a, p. 529)

Ao buscar qualidade de vida, as pessoas de nossos dias já não se atêm tanto ou exclusivamente ao "ter mais". Cresce a consciência da busca de um novo ideal que prima pelo qualitativo, aliando o estético, o emocional e o cultural. Vivemos em meio a uma estetização do mundo; esta inclui a tecnologia e, sobretudo, os ambientes para se viver e trabalhar. A partir de um novo ideal de vida, buscam-se ambientes agradáveis, belos de se viver, mais conviviais e hospitaleiros. Estamos vivenciando uma cultura do bem-estar e da estética.

Como estamos em meio a um novo arranjo da vida, o desafio é o de cultivar a imaginação, viver a diversidade, cuidar do meio ambiente, buscando civilizar a cultura-mundo. Cresce a consciência de que precisamos engenhosamente aliar tecnociência e política em vista de uma solidariedade global. Lipovetsky y Serroy (2011), buscando respostas à atual sociedade desorientada, nos dizem: "Trata-se de investir de forma maciça nas tecnologias limpas, economizar energia, taxar cada vez mais pesadamente as indústrias poluentes, modificar os hábitos de consumo, criar um ecodesenvolvimento" (p. 185).

Crescem, em nossos dias, os estímulos à solidariedade, a busca por intercâmbios, a aspiração por uma cultura de paz. A sociedade que queremos edificar tem que ser aberta, multicultural, ética, edificada com justiça social e que nos traga paz. Sabemos que para isso, requer-se graus distintos de responsabilidade social, de compromisso com o bem comum. Somos sensíveis a um novo sopro ético emergente, numa revitalização da exigência ética em nossas vidas, em nossas famílias, em nossas comunidades e como lastro da vida em sociedade.

Cresce a consciência de que as responsabilidades ante os desafios modernos e pós-modernos devem ser partilhadas. Antes de condenar, temos que compreender. Isto supõe conhecer as realidades ou ao menos acompanhá-las em sua complexidade, diversidade e rápida mutação. Em vez de ficar repassando as responsabilidades aos outros, convém assumi-las nós mesmos. Precisamos passar do tempo da diabolização para o tempo da responsabilização

individual e coletiva, o que implica numa abertura de espírito, numa capacidade permanente de diálogo e num lastro ético indispensável. (Agostini, 2013a, p. 532)

Toda iniciativa ou qualquer empreendimento, para serem eticamente aceitáveis, devem vir acompanhados de responsabilidade social e terão que ser ecologicamente limpos. Como vemos, redimensionam-se os valores vitais e os eixos básicos da vida. O novo irrompe por todos os lados. Não podemos fazer de conta que não vimos, passando ao largo ou nos refugiando num tempo que não existe mais. Travar um novo diálogo com os interlocutores destes novos tempos nos dá a chance de habilitar o ser humano a dar respostas à altura dos novos desafios.

4.2 O cuidado da vida: o lugar da ética

Um novo sopro ético, numa revitalização do compromisso e da honestidade, está emergindo nestes novos tempos. Cresce a consciência da necessidade de criar um "mínimo de consenso fundamental no que tange a valores, normas e posturas" (Küng, 1992 p. 49), pois "o agir ético deve constituir o quadro óbvio do comportamento humano e social" (Küng, 1992, p. 56). O individualismo reinante dá sinais de abertura a diversos graus de responsabilidade, de compromisso, de regras morais, aberto a um futuro humanizado, numa reabilitação da própria inteligência sob forma de ética. "O século XXI será ético ou não existirá" (Lipovetsky, 1994, p. 235). O desafio na atualidade vem assim expresso: "Repor a ética como referência à capacidade humana

de ordenar as relações a favor de uma vida digna" (Morais, 1992, p. 5).

Na "arquitetura" do ser humano, o cuidado da vida apresenta-se como o desafio que tem acompanhado a humanidade desde seus primórdios. Trata-se de assentar a vida sobre bases que possam assegurar sua sobrevivência estável e sua realização enquanto pessoa, família, comunidade, sociedade. Os estudos de "arqueologia social" demonstram que para garantir esta estabilidade costuma ser tecida uma rede que sustenta a vida humana partindo de quatro relações fundamentais: o cuidado de si, o respeito dos outros, o equilíbrio da natureza e o cultivo da transcendência. Tecida no espaço e no tempo, com traços comuns a toda a humanidade e com características próprias a cada região ou cultura local ou regional, constrói-se o que distingue o humano –qual *ethos*– que vai sendo tecido constantemente e repassado às novas gerações. Gera-se aí um modo próprio de ser e de viver, uma identidade, reflexo da essência do ser humano.

O *ethos* nos reenvia seja ao caráter seja à essência do ser humano; aponta para a morada, o lugar onde ele habita, sua estada, onde este ser humano tece o que é o distintivo da pessoa enquanto feita para a relação, a proximidade e a comunhão. Toda ordem moral, toda elaboração de ideias morais e toda conduta efetiva têm neste *ethos* sua fonte borbulhante, como estrutura estruturante ou instituinte; ela é anterior a qualquer forma de organização ou instituição, anterior à própria ética e à própria cultura. A partir do *ethos*, são forjados os valores, os costumes, os comportamentos, as normas práticas ou jurídicas, os compromissos que lastreia nossa vida. Porém,

dada a ambivalência do ser humano, contravalores são também gestados a partir desta base primeira.

A partir deste *ethos*, é tecido um conjunto de evidências primitivas, implícitas ao nosso modo de vida, tanto no que tange a valores e ideais quanto no que tange a costumes e comportamentos. Trata-se de disposições adquiridas, criando uma matriz de percepção, de avaliação e de ação, o que nos permite realizar tarefas, resolver problemas, corrigir resultados, integrar experiências passadas. Forma-se uma estrutura que estabelece uma unidade primitiva, capaz de garantir a coesão e o consenso dentro de um grupo determinado.

Em tempos de crise, de transformações profundas e rápidas ou de mudança de época, esta unidade pode vir a ser rompida, com o surgimento de modos de vida até contraditórios dentro do que seria um mesmo *ethos*. A dúvida se instala; o sentido de pertença é perdido; vive-se sem rumo. É, de certa maneira, o que experimentamos hoje. “Então, surge a necessidade de instâncias normativas, encarregadas de dizer o que antes ia por si, de decretar positivamente o que é preciso fazer, a fim de salvaguardar o consenso social: tal é a origem da moral explícita, da norma de direito, da lei” (Quelquejeu, 1983, p. 83).

A moral entra em cena quando é necessário *explicitar*, dizer com toda clareza, o que é preciso viver ou fazer. Ela tem a função de apontar para normas, ideais, princípios e valores. Não por causa da letra, mas para lembrar aquilo que deveria ser evidente, mas se perdeu ou ficou um pouco na penumbra e necessita ser lembrado. Busca sistematizar valores e regras, com o objetivo de despertar, com isso,

o senso de responsabilidade, solidariedade e apreço pelo bem comum, no respeito ao próximo. (Agostini, 2010, p. 81)

O direito possui, por sua vez, um grau mais explícito na produção do instituído. Tem a função de definir o que é praticável e não praticável, codificando ou instituindo o que se faz necessário em nossa vida e na convivência social, enunciando os significantes e os não significantes sociais. O direito trabalha com instituições objetivas que estruturam e disciplinam a vida de um grupo ou sociedade. A produção tanto moral quanto jurídica

desempenha um papel dinâmico e constituinte tendo em vista a definição do sentido social das práticas em termos de coesão, de integração, de proteção contra dissensões, a fim de estruturar de maneira programada a mobilidade de papéis, dos poderes e dos valores dentro da sociedade. (Quelquejeu, 1983, pp. 79-80)

Os diferentes graus do instituído ou codificado precisam estar respaldados na ética. Existe a necessidade de uma construção ética do instituído, não importa o seu grau. Acionar a capacidade ética do ser humano é prestar atenção aos caminhos que ela nos aponta; ela é indispensável quando fazemos nossas opções de vida e traçamos os ideais e valores enquanto pessoas; ela não pode faltar quando vivemos em família, quando nos organizamos em associações, cooperativas, movimentos, sindicatos, partidos, governo, quando vivemos nossa fé. Em seu livro sobre *Bioética: Nuove frontiere per l'uomo*, Tettamanzi (1990) confere um destaque à ética, ao afirmar:

Não é um elemento marginal e extrinsecamente justaposto à pessoa humana. Constitui, antes, um elemento essencial e estrutural de seu mesmo ser, enquanto a pessoa se define como ser "significativo" e "responsável", ou seja, como ser que possui estampado indelevelmente dentro de si um 'significado' (logos, ordo) próprio (...) e que é chamado a realizá-lo pela e mediante a sua "liberdade responsável". (p. 6)

Em nossas pesquisas sobre ética, chegamos a identificar o quanto ela é indispensável para a nossa vida, quer pessoal quer social. Vejamos:

A ética mobiliza o ser humano naquilo que lhe é vital, nas várias dimensões, e engloba a natureza toda. Ela se distingue como capacidade crítica, reflexiva e de discernimento do ser humano. Ela é indispensável no processo de "produção" ou sistematização dos valores, dos ideais, das normas, ou seja, dos níveis anteriormente vistos, quer implícitos quer explícitos. Tem, inclusive, a função de investigá-los na sua fundamentação, eficácia e pertinência e depurá-los sempre que não estejam exercendo a função que lhes é própria. (Agostini, 2010, p. 84)

4.3 Uma cultura de paz: a alteridade que gera compromisso na partilha do mundo

"Não há caminho para a paz, a paz é o caminho". Com esta frase de Mahatma Gandhi, ou a ele atribuída, presente no vídeo institucional deste Congresso, vemos que o itinerário que tem a

paz como caminho supõe um ethos, no qual se gesta a paz como evidência primitiva, de raiz, que responde à essência do ser humano que, em sua ambivalência, precisa vencer os caminhos da violência.

A Igreja soube reconhecer na espiritualidade franciscana, em especial nas figuras de São Francisco e Santa Clara de Assis, a paz como forma de vida que, coligada à justiça e à salvaguarda da criação, inspiram o caminho da "fraternidade universal". O Papa João Paulo II (1982b) nos convida a "redescobrir o seu carisma, a sua vocação; em suma, a legenda divina de Francisco e Clara". Neles, encontramos uma "resposta altamente dinâmica e construtiva, como demonstrou a incidência eclesial e social do testemunho de Francisco e Clara, que quiseram ser, para todos e sempre, um verdadeiro irmão e uma verdadeira irmã" (Perugini, 1995, p. 132).

Francisco e Clara de Assis são pessoas "feitas paz" porque esta é uma das notas essenciais de sua forma vitae, assim como são pessoas feitas oração, pobres, livres, transparentes para viver o Evangelho de Jesus Cristo, numa pobreza evangélica, que é fonte de paz. "Esta pobreza evangélica constitui uma fonte de paz, porque graças a ela a pessoa pode instaurar uma justa relação com Deus, com os outros e com a criação" (João Paulo II, 1996, p. 98).

O ser humano, desde a base primeira do ethos, tece a sua existência tendo em conta a relação, a proximidade e a comunhão como componentes de sua realidade original; é assim que ele se constitui uma pessoa aberta no cultivo das dimensões fundamentais de sua vida. A sua existência se tece na relação com o outro. O caminho da paz necessita deste postar-se ante

o outro, reconhecê-lo parte do diálogo, no face-a-face. A ética, por sua vez, deixa de ser mero discurso e se tece na alteridade, o que lhe confere real fecundidade. Instaure-se a fraternidade que tanto Francisco e Clara de Assis indicaram como o lugar da vivência da paz.

Pela dinâmica da alteridade, entramos realmente na ética, enquanto se instaura o encontro real na interação face-a-face com o outro, sem desqualificá-lo, sem deslizar no autoritarismo ou enquadramentos diversos, tais preconceitos, vontades próprias ou mesmices, sem o esconde-esconde das máscaras. O encontro no face-a-face com outro, mesmo diverso ou diferente de mim, encontra na alteridade a abertura ao diálogo franco e transparente, permitindo que o outro exista, caindo por terra qualquer superioridade prévia de qualquer das partes. Ambas as partes se predispõem ao diálogo, que se transforma em encontro, instaurando real comunicação, chegando à comunhão. E já não basta o diálogo bipolar "eu-tu", que pode ser exclusivista e oneroso, mas estes abrem-se ao polo "ele", num compromisso com outras pessoas, com a comunidade, com causas, com ideais ou com obras a realizar em vista do bem comum, no respeito da dignidade das pessoas e na partilha do mundo.

Sabemos como Francisco de Assis (1988) cultivou esta atitude reverente e cortês inclusive com relação aos muçulmanos, combatidos pelos cristãos através das cruzadas. O seu biógrafo Celano (1Cel 57), registra, que "apesar dos duros e fortes combates", ele não teve medo de ir até o sultão e, com reverência, ouvi-lo e ser ouvido. Importa, na verdade, instaurar a reconciliação com tudo e com todos, numa fraternidade sem que alguém esteja sobre os outros ou excluído.

Neste itinerário, a pessoa já não é para si, mas para ou pelo outro. O outro me interpela, me exige; e eu a desço de meus pedestais, descentrando-me e colocando-me a serviço, sem cair no subterfúgio de meras palavras. Ser para o outro não é apenas estar com o outro. Antes, constitui-se em assumir a responsabilidade, no compromisso, na compaixão que remetem a um face-a-face que se dá na prática, na partilha da vida quotidiana, na partilha do mundo. "Eu sou eu na medida em que sou para o Outro" (Bauman, 1997, p. 92).

O outro é uma *face* que me solicita ao cuidado, num "ser para", antes de qualquer fala; surpreendemos aí uma exigência radical que transforma o humano em serviço, na vivência do amor para além das convenções e das confortantes seguranças dos calculismos formais e da teatralização social. (Agostini, 2010, p. 96)

Importa instaurar a fraternidade; o Papa Francisco (2013) a destaca como "uma dimensão essencial do homem, sendo este um ser relacional" e sublinha que "a consciência viva desta dimensão relacional leva-nos a ver e tratar cada pessoa como uma verdadeira irmã e um verdadeiro irmão; sem tal consciência, torna-se impossível a construção duma sociedade justa, duma paz firme e duradoura". "Já não escravos, mas irmãos" enfatiza o Papa (2014), apontando para as muitas faces da escravatura que persistem em nossos dias. Acrescenta Francisco que é necessário "promover uma cultura de solidariedade e misericórdia para vencer a indiferença (...) ante o próximo, filha da indiferença em relação a Deus, que assume a aparência de

inércia e despreocupação que alimenta o persistir de situações de injustiça e grave desequilíbrio social" (2015, 4, 6).

5. Conclusão

A Bíblia nos relata que Israel, em meio à guerra com os assírios que estavam invadindo o norte do país, ouve o profeta Isaías proferir: "Vinde, subamos à montanha do Senhor. Ele nos ensinará os seus caminhos e nós andaremos pelas suas veredas. Ele julgará as nações e dará as suas leis a muitos povos, os quais transformarão as suas espadas em relhas de arados e as suas lanças em foices. Uma nação não levantará a espada contra outra e não se adestrarão mais para a guerra" (Is 2,3-4).

Num paralelo a Miq 4,1-3, temos aqui um cântico de exaltação da Jerusalém ideal e da paz messiânica, num dos mais belos textos do Antigo Testamento. A paz messiânica aqui descrita é um convite para viver o amor, assumir a cruz e criar espaço para a fraternidade. Não significa encobrir os conflitos. Alimentados pelo amor, sabemos que a paz requer a justiça e se fortalece pelos caminhos da reconciliação, que supõe conversão e perdão. Este perdão sai das entranhas do amor; por sua vez, o amor soergue a fraternidade, busca a reconciliação, esta envolta de misericórdia.

É a hora de "recompôr as fraturas, cicatrizar as lacerações e instaurar, a todos os níveis, uma unidade essencial" (*Reconciliatio et Paenitentia* [RP], 3). Importa viver uma *forma vitae* plasmada pelo amor e assumir o compromisso em favor da paz como o caminho da fraternidade. Diante das situações de precariedade e

sofrimento de nossos dias, o Papa Francisco (*Misericordiae vultus* [MV]) nos convida à seguinte postura:

(...) a cuidar destas feridas, a aliviá-las com o óleo da consolação, a enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas. Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos nossos olhos para as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo. (MV, 15)

Uma cultura de ética e de compromisso é certamente a melhor resposta para uma sociedade de paz na América Latina e no mundo, onde se cultive a justiça, a solidariedade, a fraternidade, numa cultura do encontro, reconhecedora da dignidade humana.

Referências

Agostini, N. (2016). *Moral cristã e seus fundamentos: Educar em tempo de mudanças*. Petrópolis, Brasil: Vozes.

- Agostini, N. (2013a). Cambio de época: Oportunidades y desafios. *Antonianum*, 88(4) 525-534.
- Agostini, N. (2013b). Igreja católica e ciências: por uma cultura do diálogo e da vida. *Pistis & Praxis*, 5(1), 185-205.
- Agostini, N. (2010). *Ética: Diálogo e compromisso*. São Paulo, Brasil: FTD.
- Agostini, N. (2008a). Pós-modernidade e ser humano. *Revista de Cultura Teológica*, 16(63), 113-126.
- Agostini, N. (2008b). Sexualidade e realização humana: A proposta da Igreja Católica. *Religião & Cultura*, 7(13), 71-82.
- Arduini, J. (2002). *Antropologia. Ousar reinventar a humanidade*. São Paulo, Brasil: Paulus.
- Bauman, Z. (1997). *Ética pós-moderna*. São Paulo, Brasil: Paulus.
- Carrier, H. (1987). *Évangile et cultures: de Léon XIII a Jean-Paul II*. Cité du Vatican, Paris, France: Libreria Editrice Vaticana, Editions Mediaspaul.
- João Paulo II (1991a). Carta Encíclica *Centesimus Annus*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe - V. (2008). *Documento de Aparecida - Texto conclusivo (7.ª ed.)*. Brasília, Brasil: CNBB, Paulus, Paulinas.
- Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe - IV. (1992). *Santo Domingo: Nova Evangelização, Cultura Cristã e Inculturação*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Congregação para a Educação Católica. (2014). *Educar hoje e amanhã: Uma paixão que se renova. Instrumentum laboris*. Recuperado de http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html.
- Congregação para a Educação Católica. (1989). *A Doutrina Social da Igreja na formação presbiteral*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Gaudium et Spes*. (1991). Constituição pastoral. Em F. Vier (Ed.). *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações* (22.ª ed.) (pp. 141-256). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Ecclesiam Suam* [ES]. (1964). Encíclica do Sumo Pontífice Paulo VI. Petrópolis, Brasil: Vozes.

- Francisco (2013). Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Recuperada de http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html
- Paulo VI. (1984). *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. (6.ª ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Faus, J. I. G. (1989). ¿Iglesia a donde vâs? Em X. Alegre et alii (Ed.). *Iglesia, de dónde vienes, a dónde vas?* (pp. 73-79). Barcelona, España: Cristianisme i Justícia.
- Francisco. (2014). Mensagem para o XLVIII Dia Mundial da Paz (1º de janeiro de 2015). Recuperado de https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20141208_messaggio-xlviiii-giornata-mondiale-pace-2015.html.
- Francisco. (2015). Mensagem para o XLIX Dia Mundial da Paz (1º de janeiro de 2016). Recuperado de https://w2.vatican.va/content/francesco/es/messages/peace/documents/papa-francesco_20151208_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html.
- Godoy, E. V. & Santos, V. M. (2014). Um olhar sobre a cultura. *Educação em Revista*, 30(3), 15-41.
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, 22(2), 15-46.
- João Paulo II. (1982a). *Familiaris consortio* (3.ª ed.). São Paulo, Brasil: Loyola.
- João Paulo II. (1982b). No Protomosteiro de Assis. Recuperado de http://www.clarissas-aves.com/index.php?option=com_content&view=category&id=4&layout=blog&Itemid=9.
- João Paulo II. (1993). Mensagem do XXVI Dia Mundial da Paz: 1º de janeiro de 1993. Recuperado de https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121992_xxvi-world-day-for-peace.html.
- João Paulo II. (1996). Francisco e Clara, dois nomes que evocam pobreza, paz e oração. Encontro com as clarissas e religiosas na Basílica de Santa Clara, no dia 10 de janeiro de 1993. In A. Pintarelli (Org.). *O Espírito de Assis* (pp. 95-100). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Küng, H. (1992). *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo, Brazil: Paulinas.

- Lipovetsky, G. (1983). *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água.
- Lipovetsky, G. (1994). *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa, Portugal: Dom quixote.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo, Brasil: Barcarolla.
- Lipovetsky, G. & J. A. Serroy. (2011). *A cultura-mundo: Reposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Mardones, J. M. (1988). *Postmodernidad y Cristianismo: El desafío del fragmento* (2.ª ed.). Bilbao/Santander, España: Sal Terrae.
- Francisco. (2015). *Misericordiae Vultus*. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia por Francisco, bispo de Roma, servo dos servos de deus, a quantos lerem esta carta graça, misericórdia e paz. Recuperada de https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html
- Morais, R. (1992). Ética e vida social contemporânea. *Tempo e Presença*, 14 (263), 5-7.
- Paulo VI. (1966). O valor religioso do Concílio. In B. Kloppenburg (Org.). *Concílio Vaticano II: quarta sessão. (nov.-dez. 1965)*. Petrópolis: Vozes.
- Perugini, L. (1995). *In fraternità per evangelizzare*. Roma, Italia: Conferenza Ministri Provinciali OFM d'Italia.
- Quelquejeu, B. (1983). Ethos historiques et normes éthiques. In B. Laurent & F. Refoulé, (Eds.). *Initiation à la pratique de la théologie*. Tomo IV: Éthique (pp. 71-91), Paris, Francia: Cerf.
- Reconciliatio et Paenitentia* [RP]. (1985). Exortação apostólica João Paulo II. (2.ª ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Redemptoris Missio* [RM]. (1991). Encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Rocha, Z. (2007). Ética, cultura e crise ética de nossos dias. *Síntese*, 34 (108), 115-131.
- São Francisco de Assis. (1988). *Escritos e biografias, crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis, Brasil: Vozes, Cefepal.

- Scuola di Alta Formazione Educare all'Incontro e alla Solidarietà (EIS-LUMSA) (2014). *Educare oggi e domani: Una passione che si rinnova. Sfide, strategie e prospettive dalle risposte al questionario dell'Instrumentum laboris*. Roma, Italia: Congregazione per l'Educazione Cattolica.
- Strawson, P. F. (1974). *Freedom and resentment and other essays*. London, England: Methuen.
- João Paulo II. (1996). Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (2.^a ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Tettamanzi, D. (1990). *Bioetica. Nuove frontiere per l'uomo* (2.^a ed., riveduta e ampliata) Casale Monferrato, Italia: Piemme.
- Valadier, P. (2005). *Moral em desordem: Um discurso em defesa do ser humano*. São Paulo, Brasil: Loyola.
- João Paulo II. (1996). Exortação Apostólica Pós-sinodal *Vita Consecrata*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Wackenheim, C. (1980). *Le pari catholique*. Paris, França: Le Centurion.